

TRIBUNA Livre

13
SETEMBRO
1958

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DR. OLIVEIRA SALAZAR - TEL. 62113 - AMARES

A VERDADE POSTA NOS PROBLEMAS LOCAIS

AMARES, FEIRA NOVA E O CONCELHO

DE há pouco tempo a esta parte que os problemas locais veem sendo agitados com enlouquecida paixão por alguns cérebros que, sem outra possibilidade, escrevem exposições e outros escritos, no sentido de deformarem as coisas e virarem o rumo aos acontecimentos.

Gostaríamos, muito sinceramente, de não gastar uma linha deste semanário para repôr a verdade nos locais de onde anda afastada. Tanto é assim, que é a primeira vez que aqui se fala nesta linguagem a propósito do velho caso local.

A Feira Nova atravessa um período de progresso ainda há pouco julgado impossível. Amares sente que isto pode representar a sua agonia e vai de insurgir-se contra tudo e todos, alheia à verdade das coisas.

Assim, questiona contra a restauração da Legião Portuguesa, combate a construção da nova Misericórdia, não quer a construção da nova estação dos C. T. T., vê com maus olhos a nova situação do Grémio da Lavoura, não

se conforma com a construção da Caixa de Crédito Agrícola, etc.

A Câmara desagrada-lhe porque não proíbe a tudo e a todos, a União Nacional porque não bebe da sua água, a Legião Portuguesa não é da sua côr, o Grémio porque não vai para acolá, os Bombeiros e a sua Banda porque não são da banda de lá, a Caixa Agrícola porque é da banda de cá, o futebol porque não joga no seu campo, etc.

Cada povo tem o governo e vive as situações que merece. Amares tem aquela que os seus lhe arranjaram, mais do que lhe foi arranjada pelos estranhos. Se não acredi-

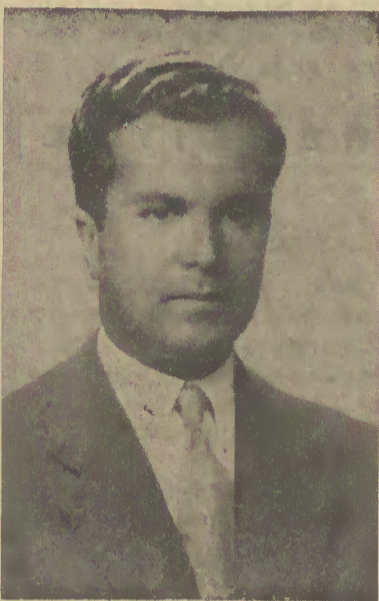
(Continua na 4.ª página)

REVESTIU-SE DO MAIOR BRILHO

A posse do Sr. Dr. Alberto Ortigão de Oliveira

no cargo de Presidente da Junta de Turismo de Caldelas

No passado dia 5, a sede da Junta de Turismo de Caldelas conheceu desusado movimento em virtude da



Dr. Alberto Ortigão de Oliveira

posse do seu novo presidente sr. dr. Alberto Ortigão de Oliveira, distinto médico das Termas, em que todos depositam as maiores esperanças.

Ao acto presideu o sr. D. Nuno Luis de Carvalho Daun e Lorena, presidente do Município e foram testemunhas os srs. drs. Fernando de Castro Amaro, médico, e Júlio Formigal director clínico das Termas. Estavam ainda presentes os srs. Dr. Eduardo Gonçalves, Presidente da Comissão concelhia da U.N., Dr. Manuel Arantes Rodrigues, conservador do Registo Civil, Adão Arantes Russel, vice-presidente da Câmara, Padres Albino José Fernandes Alves e Avelino dos Santos Antunes, dr. Fernando Ferreira, médico, os vareadores Alexandre de Oliveira e Artur Manuel da Cunha, Paulo Barbosa de Macedo, prof. Alexandre Antunes, Asdrubal de Oliveira, Luis Adolfo de Sousa, António Maria da Rocha, o presidente cessante sr. Padre João de Freitas, etc.

Lido o auto e prestado o competente juramento pelo empossado, o sr. Presidente do Município usou da palavra e num longo e bem elaborado discurso começou por lhe agradecer a aceitação do cargo de Presidente da

Junta de Turismo de Caldelas e de lhe dizer o muito que espera do seu dinamismo e da sua vontade de bem servir.

Falando das Termas disse da necessidade que há em as enriquecer com obras que lhe emprestem a comodidade de que os aquistas precisam para as preferirem e lhe trazerem o movimento necessário ao seu engrandecimento. Como obras mais urgentes

(Continua na 3.ª página)

Sr. Dr. António José da Costa

O nosso Director, Sr. Dr. António José da Costa, regressou da viagem aqui noticiada à Espanha, França, Bélgica, Luxemburgo, Holanda e Alemanha.

ADIAR Vervo dos Malogrados

Em «A Marcha», órgão do P. R. P. brasileiro, dirigido pelo grande escritor Plínio Salgado, encontramos esta excelente definição da mentalidade dos que julgam resolver os problemas—adiando-os:

No verbo adiar está resumida a biografia de todos os malogrados.

No verbo adiar está encerrada a experiência de todos os falidos.

No verbo adiar está contido o itinerário de todos os derrotados.

No verbo adiar está gravado o destino de todos os vencidos.

No verbo adiar está escrito o roteiro de todos os fracassados.

No verbo adiar está explicada a sorte de todos os decaídos.

No verbo adiar está traduzida a linguagem de todos os frustrados.

No verbo adiar está subentendido o pessimismo de todos os arruinados.

No verbo adiar está retratada a tragédia de todos os prescindíveis.

No verbo adiar está simbolizada a desilusão de todos os naufragos.

No verbo adiar está esculpida a imagem de todos os aniquilados.

No verbo adiar está condensado o epitáfio das gerações incapazes, das elites demissionárias e de toda a interminável procissão de falhados que nunca se realizam por viverem, eternamente, a perder tempo sob o pretexto de dar tempo ao tempo...

O Grémio da Lavoura DE AMARES

vai adquirir os terrenos necessários
AO SEU FUTURO DESENVOLVIMENTO

Chegou, esta semana, do Brasil, a notícia que se aguardava com certa ansiedade. O Snr. Comendador Augusto Ferreira Arantes resolveu vender ao nosso Grémio da Lavoura uma bouça que possui nos Guiames, ou seja, entre a Feira Nova e Amares, precisamente nos terrenos que todos desejam urbanizado.

Desta maneira dois grandes objectivos foram conseguidos: o Grémio ficou habilitado a construir imediatamente a sua sede, o armazém e o celeiro, e a «terra de ninguém» vai, finalmente, ser povoada.

Agora, só do lado norte uma parcela aguarda o seu destino, além de uma pequena faixa que fica a sul.

O Grémio, que desde há muito espera esta decisão e se encontra habilitado a proceder às construções de que precisa, certamente que abreviará a posse do terreno e se lançará nas obras de que carece.

Segundo sabemos estão a ser ultimadas as diligências nesse sentido, esperando-se a vinda dos documentos que possibilitem a escritura.

Ao Snr. Comendador Augusto Ferreira Arantes, a quem o Concelho já deve muito, se fica a dever agora um serviço sem dúvida im-

portante e que vem dar origem a que se continue o progresso que o Concelho está a experimentar.

Desta forma é mais uma instituição que caminha para solução do seu problema capital.

Depois da Caixa de Crédito Agrícola, a Casa do Povo de Amares, depois a Misericórdia, os Bombeiros, a Estação dos C. T. T. na Feira Nova, e agora o Grémio.

Estamos convencidos que

(Continua na 5.ª página)

NOTÍCIAS PESSOAIS

Chegou, de Manaus, Brasil, o nosso estimado colaborador Snr. José Manuel de Macedo.

A família tributou-lhe calorosa recepção, demonstrativa do contentamento que o seu regresso originou.

MONOGRAFIA DO CONCELHO DE AMARES

Por Domingos M. da Silva

(Continuação do número anterior)

* * *

Paranhos foi vigairaria da apresentação do reitor de Coucieiro; depois passou a reitoria.

Esteve anexa a Caldelas, ultimamente a Sequeiros e agora a Souto, embora esta de arquiprestado diferente.

O padroeiro é S. Lourenço, mártir.

Em 1706 tinha 39 fogos; em 1875 ia nos 43 por 213 almas; de momento conta uns 53 e 320 habitantes. Como se vai verificando, o crescimento da população é consideravelmente mais lento nas terras altas, onde também a par de outras circunstâncias de vária espécie, a pobreza e a própria miséria são menos notáveis.

A terra menos retalhada, maior apêgo a ela e à sua exploração directa, sem a intervenção de caseiros.

E' muito abundante de lenhas e matos; produz de todos os cereais, vinho de inferior qualidade, muito gado miúdo e caça.

De modo geral nas terras dos montes os rebanhos, que constituíam particular riqueza, têm decrescido, dado o interesse pela questão do repovoamento florestal.

Além do adubamento destes terrenos frios (contou-se com os químicos) outras faltas se devem sentir e seja da lã das tosquias para os tecidos caseiros e o frequente recurso a uma peça, para uma vez ou outra mais solene, baptizado, serviçada ou casamento, «matar uma fraqueza».

(Continua na 4.ª página)

TRIBUNA DA MULHER E DO LAR

A DONA DE CASA É UMA POTÊNCIA ECONÓMICA

Medidas de protecção do comprador—A investigação das características e da qualidade das mercadorias

Por ELISABETH JERWITZ

Pelas mãos das donas de casa passam cada ano mercadorias e artigos no valor de muitos biliões de marcos. Elas representam, portanto, uma formidável potência económica sem que, via de regra, consigam tirar as vantagens que desta circunstância resultam para as suas famílias. A dificuldade reside em organizar os milhões de donas de casa. Há razão de perguntar quantos milhões ou até mesmo biliões serão gastos inútil, ou erradamente.

Qual será o número de compras desvantajosas feitas em consequência de uma propaganda astuta e promovida por vendedores espertos? A publicidade nos jornais, o arranjo das montras, as exposições, são outros tantos factores de propaganda. E quem estará interessado em ministrar bons conselhos às donas de casa, dizendo-lhes quais artigos de uso doméstico, quais máquinas são as mais adequadas, dando ao mesmo tempo informações sobre o seu rendimento efectivo?

Na Alemanha Ocidental há uma instância absolutamente neutra que fornece informações sobre todos os assuntos rela-

cionados com as compras das donas de casa. A «Liga das Donas de Casa Alemã» que tem secções em todas as grandes cidades alemãs, dá gratuitamente informações em colaboração com o Instituto Federal de Exame de Mercadorias e de Investigação da sua qualidade, em Nuremberga. Este instituto responde a todas as perguntas referentes a eficiências e ao valor prático de todos os objectos de uso doméstico, da pasta dentífrica até a máquina de lavar, da lâmpada eléctrica até aos produtos de cosmética. Não se deve esquecer que a dona de casa se vê constantemente na contingência de tomar decisões. Neste contexto basta lembrar que no mercado alemão estão actualmente à venda nada menos de 125 modelos diferentes de máquinas de lavar roupa. O Instituto de Nuremberga mantém estreito contacto com os fabricantes que aproveitam com muito prazer a oportunidade de mandar investigar a eficiência dos seus artigos e produtos.

Anunciai na «Tribuna Livre»

Algumas instruções

para o emprego de concentrado de tomate

Não se deve mexer no concentrado senão com uma colher de pau, a fim de não o alterar.

Depois de se ter aberto uma lata de concentrado, o restante deve ser conservado isolando-o do ar por meio de uma pequena camada de azeite.

Apresentam-se em seguida algumas receitas em que se emprega concentrado de tomate. No

RECEITAS

Peixe

—Sardinhas

Dez sardinhas, 2 cebolas, 2 dentes d'alho, 20 grs. de manteiga, 1 decilitro de vinho branco, 1 ramo de salsa e 50 grs. de concentrado de tomate.

Escamam-se, amancam-se e lavam-se as sardinhas. Salpica-se com sal e tempera-se com pimenta; aparte, refoga-se a cebola, a salsa e o alho, no azeite, sem que aloire. No vinho desfaz-se o concentrado de tomate, que se mistura ao preparado anterior. Põem-se as sardinhas em prato de ir ao forno, de preferência de barro, cobrem-se com o preparado com-

pleto, polvilhando-se com queijo e regam-se com manteiga, vão ao forno e servem-se quentes, na própria assadeira.

—Caldeirada

Deite-se numa caçarola cebola em rodas, 1 ramo de salsa, azeite e um pouco de água; deixe-se ferver e, quando o líquido estiver em ebulição, ponha-se dentro da caçarola uma porção, de peixe miúdo, ganhando sempre com a variedade, previamente amanhado.

Deixa-se ferver alguns minutos, tira-se um pouco de molho em que o peixe cozeu, que se mistura com 100 grs. de concentrado de tomate. Junta-se com a caldeirada e em levantando fervura está pronto a servir-se.

SOFIA LOREN

A Taça "Volpi", foi entregue a Sofia Loren no encerramento do festival de Veneza pela melhor interpretação feminina, devido à sua actuação no filme da Baramount A ORQUÍDIA NEGRA, segundo comunicação feita ao nosso semanário pela Paramount Films of. Portugal, Inc.

A entrega da taça verificou-se no meio de entusiásticos aplausos do público.

entanto pode empregar-se esse produto em todos os pratos que usualmente se confeccionam com tomate ou calda.

Ter sempre em atenção que o mesmo efeito de 1 kg. de tomate fresco, se consegue apenas com 140 grs. de concentrado.



**RELOJOARIA
MAURÍCIO
QUEIROZ**

CASA FUNDADA EM 1903

Oficina completa de reparações de relógios de todo o género

Completo sortido de relógios das melhores marcas.

R. D. Frei Gaetano Brandão Telefone 2526 BRAGA

Folhetim de «Tribuna Livre», 84

SEMPRE NOIVOS

Por Porfirio de Sousa

(Recordações do Minho—Usos e costumes)

—Você tem um coração de ouro, Maria Teresa; o José, o seu marido, conseguiu pelo casamento um tesouro de inestimável valor.

—Não faço mais do que corresponder ao amor de meu marido...

—Quantas mulheres ricas não dariam da sua fortuna por metade da felicidade que há neste abençoado lar!

—A felicidade não se compra, não se vende, conquista-se com o amor, com a paixão, com a alegria!

—Diz bem, Maria Teresa; mas para isso é preciso, é necessário, é indispensável, que o amor seja mútuo, que o entendimento seja harmónico, que os génios se conjuguem perfeitamente.

—Sem isso o lar é um inferno, a vida conjugal impossível!

—Bem, Maria Teresa, vou embora, mas prometo-lhe que para a semana venho passar umas horas consigo, trazendo o Pedrinho; diga ao José, ao seu marido, que lhe estou, também, muito reconhecida por tudo quanto fez pelo meu filhinho

—Esta casa está sempre aberta para a senhora e pena tenho de eu não ter em que lhe ser útil como desejava.

—Até à semana, Maria Teresa, e sempre que precise alguma coisa de mim não tenha acanhamento de mo dizer; terei sempre imenso prazer em a servir.

—Muito obrigada, senhora D. Leopoldina.

A mulher do Morgado do Souto retomou o caminho de casa, em companhia do filho do seu Pedrinho.

D. Leopoldina analisou, com sagacidade, a vida íntima dos seus caseiros, por intermédio da mulher soube, assim, o que era a verdadeira felicidade de um lar, quando o casal vive em íntima harmonia e cada cônjuge procura adivinhar o pensamento de outro para ir de encontro à satisfação da sua vontade, sem que êle ainda a revelasse.

Em sua casa, dali em diante, não raras vezes, mergulhava, profundamente, o seu pensamento a comparar a sua vida em relação à dos caseiros e sempre acabava pela demonstração inequívoca de que a felicidade reside no amor e não no dinheiro, como dizia o seu marido.

E comentava:

Como eu seria já, relativamente, feliz, se entre mim e o Morgado houvesse só metade de compreensão e da atenção que há entre aquele ditoso casal

Preferia essa felicidade ainda que tivesse de empunhar, de manhã à noite, a pesada enxada na labuta quotidiana nos trabalhos agrícolas.

E a D. Leopoldina passava, por vezes, horas mergulhada na contemplação dos dois quadros da vila real, dissemelhantes, o dos caseiros e o seu.

O que representava a vida na quinta do Vale era a maravilha consubstanciada pelo amor e pela alegria, pela paixão e pela ternura em ondas de refulgente luz de uma eterna e mútuo sedução.

O quadro da sua vida era a verdadeira negação de tudo quanto é belo, de poético, de romanesco—era a tirania manifestada por meio da desarmonia, da indiferença, no desinteresse, no seu lar!

Só o seu filho, o seu Pedrinho, seria capaz de a levar a submeter-se às exigências e às imposições do Morgado, seu marido!

(CONTINUA)

TRIBUNA do CONCELHO

A posse do Sr. Dr. Alberto Ortigão de Oliveira

(Continuação da 1.ª página)

referiu a construção de uma piscina e parque e o abastecimento de água ao domicílio.

Disse da profunda admiração que tem pelo sr. Padre João de Freitas, presidente cessante, a quem rendeu significativa homenagem referindo-se à obra que o mesmo durante mais de vinte anos realizou na Junta de Turismo. As suas palavras foram por vezes interrompidas pelos aplausos da assistência.

O sr. Padre João de Freitas seguiu-se no uso da palavra dizendo:

Ex.º Senhor Presidente do Município

Alegre-me a oportunidade de prestar a V. Ex.ª as homenagens que lhe são devidas e faço-o com a mais pura sinceridade, sem propósitos de agrado, nem intuítos de lisonja, que repugnam ao nosso espírito.

Quero render-lhe o testemunho do meu maior apreço, da minha alta consideração e regosijar-me com a certeza de que V. Ex.ª deixará bem assinalada a sua passagem pela nossa Câmara Municipal. São-me garantia, a sua clarividência, o carinho que dedica à causa municipal, a vontade de bem servir e acima de tudo a sua inquebrantável formação nacionalista.

Não fóra V. Ex.ª, Senhor Dom Nuno representante de antepassados, heróis de fiva tempera, que, com seus feitos, alcançaram glorioso brasão, símbolo de patriotismo e valentia, o qual brilha como pedra de inapreciável quilate engastada nas tisedas paredes da mais nobre Casa da Terra Antiga de Entre Homem e Cávado, outrora sem Senhores.

Vejo surgir da Ilustre Casa do Castro, um quase jovem, que pela sua acção dinamizadora congregará à sua volta os homens bons que nesta linda terra ainda exuberam (pela Graça de Deus), que na miragem da restauração dum prestígio antigo, elevem o bem estar do seu povo, em novas e possíveis perspectivas de progresso. Tenha V. Ex.ª a certeza que nos encontrará todos ao seu lado e meus votos são que V. Ex.ª esteja conosco por muitos anos.

Senhor Presidente da Junta de Turismo e Caldelas:

A V. Ex.ª quero prestar as festivas homenagens deste dia cinco de Setembro de 1958. Até aqui, foi à falta de alguém, o presidente desta Junta. A falta de preparação, a primitiva mingua de recursos e circunstâncias maquiavélicas, produziram uma quase estagnação na actuação da Junta. Ainda bem que aparece V. Ex.ª como aquela pessoa desejada por mim e suponho que por todos. Não obstante ter perdido a exoneração há muitos anos, cheguei a envelhecer na presidência da Junta. Já ultrapassei o limite da idade, já completei 71 anos.

Quero, disse, apresentar a V. Ex.ª Senhor Dr. Ortigão Oliveira as minhas homenagens bem sinceras, porque não sei ser de outro modo, repugnam-me intuítos malévolos.

Senhor Doutor: A sua provada acção de bem fazer ao serviço da gente pobre da freguesia, como é, aliás, da tradição médica dos Ilustres Clínicos da Estância, a sua esclarecida inteligência, a simpatia que irradia do seu espírito simples e bem formado, o seu amor a esta terra, a qualidade de médico terrenal, seus conhecimentos turísticos, são firme garantia de que há-de prestar relevantes benefícios em ordem à sua actuação a bem da Estância. Além disso tem, felizmente, na pessoa ilustre do Sr. Presidente da Câmara o mais devotado auxiliar e a melhor boa vontade de fomentar o engrandecimento da Estância, (admirável clarividência que há mais dum século Amares não vislumbrou). E se de algum modo lhe for útil a actuação do velho presidente aqui me tem de alma e coração. Faço votos porque

permaneça nesta Junta, pelo menos até á idade em que eu me despeço.

Não devo afastar-me daqui sem exprimir muito de alma o meu agradecimento a todos os bons membros da Junta e mui especialmente ao Senhor Alexandre Antunes — administrador — delegado, leal e honestíssimo colaborador, que sempre cumpriu com honra e fraterna camaradagem, o meu profundo agradecimento.

O Sr. dr. Júlio Formigal, director clínico das Termas agradeceu, em nome destas, ao sr. Presidente do Município a nomeação do ora empossado dizendo da unânime satisfação que todos sentiram e terminou abraçando o senhor Padre João de Freitas a cujas qualidades teceu rasgado elogio.

O sr. Manuel Ortigão de Oliveira, um dos principais accionistas das águas e pai do empossado, agradeceu, ao sr. Presidente da Câmara a deferência que tinha tido para com o seu filho e que não podia deixar de o sensibilizar terminou testemunhando, num abraço, ao sr. Padre João, o seu grande apreço e admiração.

Finalmente falou o empossado que agradeceu as palavras amigas do Senhor Presidente da Câmara dizendo da razão que o levou a aceitar o cargo para que foi nomeado.

Fez largas referências à obra e à pessoa do seu antecessor, sr. Padre João de Freitas, que há cerca de seis anos se encontrava demissionário.

Disse da sua vontade decidida de trabalhar pelo embelezamento e engrandecimento de Caldelas, terra que habituara a amar desde o tempo em que a conhecera. Das aspirações mais instantes referiu-se à piscina e parque e ao abastecimento de águas, dizendo esperar a ajuda de todos para que se possam concretizar os seus anseios.

Referindo-se às Festas anuais em honra de S. Tiago disse quando o Minho adora as festas regionais e quanto elas servem de propaganda ao seu bom nome pelo que continuaria nas Festas locais a receber a ajuda da Junta de Turismo.

No final das suas judiciosas palavras, o orador foi muito cumprimentado e felicitado por todos os presentes, entre os quais se viam muitos aquistas e senhoras que ao acto emprestaram a solenidade na sua presença.

Aproveitamos o ensejo para apresentar, novamente, ao sr. dr. Alberto Ortigão de Oliveira as nossas saudações e a certeza da nossa colaboração lealíssima.

DE LAGO Para França

No dia 29 de Agosto, seguiu para a França o Sr. António Lopes Pereira, casado, mestre de obras, do lugar da Telheira; e no dia 4 de Setembro seguiu com o mesmo destino o Sr. Francisco Malheiro Cardoso, casado, carpinteiro, do lugar do Telhado.

Que tenham muita saúde e felicidades, são os nossos votos.

Em Férias

Depois do tratamento na Póvoa de Varzim, durante algumas semanas, encontra-se agora na sua «Quinta de Bouro» em Lago, acompanhado da Ex.ª família, o Sr. Maurício Queiroz, proprietário da referida quinta e da Relojaria Queiroz, de Braga, assinante de «Tribuna Livre».

Também é esperada nesta freguesia, dentro de dias, a Sra. D. Beatriz Alves de Sá, esposa do Sr. Domingos Pereira, comerciante em Lisboa. Vem acompanhada de sua filha, a gentil menina Maria de Lourdes de Sá Pereira.

Desejamos a todos boas férias e muitas felicidades.

Caminhos

A estrada da Ribeira ficou no projecto porque morreu antes de nascer! Foi mau, senhores responsáveis, porque a ligação da Ribeira com o lugar do Bico não pode continuar assim! Os interesses particulares não podem ficar acima do bem comum...

Baptizado

Nos primeiros dias de Setembro e com a devida autorização do Pároco de Lago e do Senhor Arcebispo Primaz, foi baptizada em Caldelas, A nars, uma criança, nascida em Lago, filha dos senhores José António Pires e Rosa Soares Viera, casado comerciante, residente na dita paróquia de Lago.

Ao neófito e respectiva família desejamos vida longa e felicidades. J. F.

Goães Casamento

No passado dia 6 do corrente, realizou-se o enlace matrimonial da Sra. Aida de Jesus Peixoto Martins, filha do Sr. Manuel Agostinho da Silva Martins e da Sra. Amélia de Jesus Correia Peixoto, com o Sr. José António Vieira, filho do Sr. Francisco Vieira e da Sra. Maria Rosa da Silva Correia Peixoto, estes do lugar da Fraga, e aqueles de lugar da Devesa, todos desta freguesia.

O enlace realizou-se no Santuário de N.ª S.ª do Sameiro com um cortejo de oito luxuosos carros.

A santa missa foi celebrada pelo Rev. P.º Manuel José Vieira, pároco na freguesia de Vilar da Veiga, irmão do noivo, que depois de todas as cerimónias religiosas proferiu uma alocução ao novo lar, ali-cercando-os no amor conjugal com olhos postos sempre no Altíssimo, não desanimando e enarando as coisas sempre no amor de Deus.

Apadrinharam nestas cerimónias o Sr. Agostinho César Correia Peixoto tio e padrinho do baptismo da noiva, e sua esposa D. Maria Amélia da Silva Correia Peixoto.

No final seguiu o cortejo dos carros para Goães e em casa dos noivos foi oferecido um lauto banquete aos convidadas, aparecendo também o «Champagne» com os seus estrondosos ecos.

Ao novo lar as maiores felicidades.

BOURO

A Proibição do Trânsito de Gado

Obriga ao adiamento da Feira Franca de S. Mateus

Em virtude de estar proibido o trânsito de gado, fica adiada para data ainda a indicar a Tradicional Feira Franca de S. Mateus, que anualmente se realiz nesta localidade.

A referida Feira Franca, como de costume, teria lugar nos dias 19, 20 e 21 do corrente, mas devido ao facto que acima expomos não é possível a sua realização, ficando por isso transferida para data que oportunamente publicaremos.

Casamento

Por procuração, realizou-se no passado dia 30 de o Agosto, enlace matrimonial do nosso conterrâneo amigo Senhor Abílio José Fernandes, ausente no Brasil, filho do Senhor Narcizo Deus Fernandes e da Senhora Mavilde de Jesus Carneiro, com a menina Alda de Jesus Carneiro, filha do nosso particular amigo Senhor Manuel Albano Carneiro e da Senhora Filomena da Glória Aires.

Após a cerimónia, noivos e convidados seguiram para o Bom Jesus do Monte, na Penção e Restaurante Central, da Agueda, lhe foi servido um lauto almoço.

De entre os convidados, destacamos a figura ilustre do nosso zeloso Pároco e Arcipreste do concelho, R.º Padre Manuel Matias do Lago e Costa, que no final do almoço, proferiu uma breve alocução na qual enalteceu as excelentes qualidades do noivo, assim como dos seus ascendentes, procurando incutir na memória de todos os presentes o significado do acto que estavam a presenciar. Usando da palavra o pai do noivo, começou por agradecer as referências que lhe foram feitas pelo seu R.º Pároco e disse sentir-se radiante, pela escolha que seu filho acabava de fazer, pedindo a Deus as maiores felicidades para este novo lar.

Tribuna Livre num protesto de sincera amizade, deseja aos noivos muitas felicidades.

P. S. — O Pai do noivo, Senhor Narcizo de Deus Fernandes, aproveita a oportunidade para agradecer, por intermédio deste jornal, ao Senhor José da Silva e Sousa Vilela, proprietário da Pensão e Restaurante Central, a especial maneira como serviu o almoço, mostrando na verdade uma boa regularização dos serviços da sua Casa.

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

Amanhã — O Sr. Alberto António Rodrigues da Silva.

Terça-feira — O Sr. Arnaldo da Silva Tomé e o Sr. Manuel Gonçalves Leite.

Quarta-feira — O Sr. António Anjos da Cunha.

Quinta-feira — A Sra. D. Adelaide Veloso.

Sexta-feira — Aniversário de casamento do Sr. José Manuel de Macedo e D. Maria Isabel Barbosa de Macedo.

Visado pela Censura

Morte subita

No passado dia 28 de Agosto, quando seguia para a camioneta da carreira do Gerês, foi acometida de um ataque a Sra. Maria de Jesus de Oliveira, de 66 anos, do lugar da venda, esposa do Sr. Manuel de Campos «O Vilarinho». Foi muito chorada a sua morte e após o ataque poucos minutos teve de vida.

Fora encontrada no caminho junto ao Alambique do Barbeiro, já quase sem vida, aparecendo o Rev. Pároco que lhe ministrou o Sacramento da Santa União.

Esta doente estava sofrendo há dias das tensões arteriais.

Desejamos à família enlutada os nossos pêsames. A falecida o eterno descanso.

Viagem a Fátima

Seguiu ontem dia 12 do corrente para Fátima o Rev. P.º Amândio da Silva Campos, pároco desta freguesia numa luxuosa camioneta, com grande número dos seus paroquianos, de visita e promessa àquele Santuário.

Desejamos-lhe muito boa viagem e um óptimo regresso. Que Nossa Senhora de Fátima os acompanhe e atenda as suas preces.

Aniversários

Completa hoje, dia 13 de Setembro, o seu 17.º aniversário natalício, o menino estudante Bernardino Rodrigues Saraiva, que se encontra hoje junto de sua avó, em virtude de seus pais terem ido a Fátima. É com saudades, que este jovem estudante recorda o passado, não esquecendo os incontáveis sacrifícios que seus pais têm feito por ele.

Seus pais e irmãos lhe desejam largos anos de vida, repletos de prosperidades e grandes felicidades nos seus exames.

— Completa também hoje, 13 de Setembro, o menino José Cândido de Almeida Tinoco o seu 15.º Aniversário natalício.

MONOGRAFIA DO CONCELHO

(Continuação da 1.ª página)

E, quanto a esta última parte refere o *Portugal Antigo e Moderno* que os habitantes de Paranhos usavam muito o *badulaque* ou *bazulaque*, iguaria feita dos intestinos da rezes miúdas, mas «com pouca limpeza».

O autor gostava de trazer de vez em quando a público a sua «pilhéria», com mais ou menos graça e fundamento.

Sabe-se muito bem que cada um em sua casa usa da limpeza que pode e quer; certo é, porém, que, neste caso, quem assim o informou ou tinha por sistema a falta dela e julgava passar-se o mesmo em casa dos vizinhos, ou foi vítima ao comer da tal iguaria...

Mais acrescenta constar que em Aljubarrota os castelhanos fabricavam uma espécie de comida de campanha com o mesmo nome, tático no que poderia referir-se a limpeza; e que o mesmo termo também pode significar — indivíduo nutrido, gordo.

E, a propósito, outra palavra que vem a jeito, empregada nesta e freguesias limítrofes com o mesmo sentido culinário — é a *chanfana*.

Ainda este, é a *cabidela*, que mais pretenciosamente se denomina *sarrabulho* e toda esta nomenclatura se rematava nos lautos, abundantes festins das bodas e das malhadas.

* * *

Compõem-se dos lugares da *Igreja, Além, Covas, Louredo e Tarapilha*.

A matriz é de pequenas dimensões, tudo de harmonia com a diminuta população.

Encontra-se em obras de reparação geral e tudo está muito certo, menos uma coisa confrangedora, muito triste, mesmo de contar.

Para proceder ao soalhamento e conseguir a prévia caixa de ar, foram-se sem dó nem piedade, respeito nem comiserção, aos fundos da igreja, desentulharam tudo, como de entulho se tratasse, lançaram a terra mole no adro, de onde há-de ser levada pelas enxurradas de sucessivos invernos e arrastada de leira em socalco e os «achados» foram transportados e atirados a esmo para uma vala comum do cemitério.

Penoso é meter-se foice nesta seara, ter de ser indiscreto em assunto de tanta seriedade, mas quem quer evitá-lo não desenterra os mortos e passe este comentário a título de evitar casos idênticos.

Deparou-se ali com esqueletos e peças de vestuário intactos (na opinião de um operário alguns fatos ainda levariam anos a romper); lenços de seda natural atados nas pontas e tão conservados como se estivessem em arca de cânfora; caixões sobrepostos em três camadas (possivelmente sepultura particular) despojos de muitas gerações, sabe-o Deus, mais dignas decerto da sua presença por sua simplicidade e mais inabalável fé que a desta a que pertencemos.

Um recheio perdido, desfeito sem fins científicos, nem úteis, nem convenientes.

Compreende-se que uma necrópole se explore e investigue, quando por modos fortuítos vem à mão do cientista, do arqueólogo; mas assim à picareta ignóbil da bruta gente, causa calafrios.

(Continua no próximo número)

«PANORAMA SOCIAL»

(Continuação da 6.ª página)

Mas o que se nota na correspondência, também se verifica nas próprias facturas de muitos industriais e até no jornal «O Vilaverdense», que sendo um quinzenário propriedade de Nossa Senhora do Alívio, da freguesia de Soutelo, tem o seu endereço: Redacção e Administração — Residência Paroquial de Prado — Tel. 9223 — Braga.

Bei sei que todos os Pradenses e mormente os corpos directivos de «O Vilaverdense» vão dizer: Este indivíduo não saberá que indo a correspondência para Vila Verde, tem de regressar a Braga para de novo voltar a Prado? Sei, sim senhor. Mas também sei que, se puserem na correspondência, Braga-Prado-Vila Verde, os C. T. T. não alteram as

guias das malas dirigidas a Prado e, portanto, fica em pé a minha sugestão, porque os Pradenses pertencem, quer queiram quer não, ao concelho... de... Vila Verde, com o que se devem orgulhar, por que têm tido mais melhoramentos do que a sede do concelho, para os quais nós, Vilaverdenses, contribuímos sem nos queixarmos, nós e todo o concelho, não é assim?

Nós, se não quiséssemos ser de Vila Verde já tínhamos mudado de terra.

Aos de Prado, àqueles que têm repugnância de pertencer a Vila Verde, como estão na margem direita do Cávado e portanto separados geográficamente de Braga, aconselhamo-los a ir viver para... Barcelos, para não atravessar o rio.

A Verdade posta nos Problemas Locais

AMARES, FEIRA NOVA E O CONCELHO

(Continuação da 1.ª página)

tam acompanhem-nos alguns momentos, mas antes deixem as suas consciências sobrelevadas as suas paixões.

Há perto de 20 anos, um filho da Feira Nova, fez em Amares umas casas. Desde então até esta parte a iniciativa particular nada mais fez.

A custa da Câmara gastaram-se ali, nos últimos 10 anos, cerca de 1.300 contos: bairro, água, estrada, lavadouro, passeios, mictório, etc. Além das obras camarárias, nada.

O Largo é pequeno e metade está sem urbanizar. A Caixa Agrícola quis terreno para a sua sede mas não o conseguiu. A Casa do Povo quis adquiri-lo em local central e não o conseguiu.

A Misericórdia quis alugar uma casa em Amares pois parecia-lhe mal estar numa casa do Bairro; não conseguiu e foi para a Feira Nova porque ali lhe arranjaram uma de graça.

Deixaram que o Núcleo da Legião Portuguesa atingisse uma situação de completo abandono e só acordaram quando o viram organizado e com vida.

Ninguém descobriu na parte desabitada do Largo um local para a construção de um edifício para o Grémio

A primeira e grande necessidade da parte velha da vila seria a de construir nos locais do seu Largo ainda devolutos e depois fazer ruas e alargar-se.

Ao contrário disto os seus próprios filhos ou arranjam situações que levam as organizações para fora ou eles próprios se devoram com as situações que criam.

Por exemplo: trazer a Casa do Povo para os Guames é desviar as actividades do Largo, é empobrecê-lo. Isso devia ser feito por nós.

Mas os erros de tal gente não se quedam aqui.

Venderam 4 lotes de terreno para construções num sítio que daria um lindo bairro: um está a 20 metros da estrada, outro a 15, outro em cima da berma e outro a 10. Linda «montanha russa».

A culpa é, pois, única e simplesmente da terra e sua gente, que não cuidam do seu desenvolvimento ou não têm possibilidades para ele.

Nem sequer a Câmara podem atribuir qualquer contribuição na sua pequenês. Se há quem pode queixar-se é o restante do Concelho pois que efectivamente, o que se verifica, é que o melhor dos dinheiros públicos continua a gastar-se na parte de Amares da Vila em prejuízo das restantes terras.

No ano corrente na Feira Nova são gastos 12 contos, aliás, já devidamente orçados pelo Presidente cessante para o mictório, sendo agora distribuída esta quantia pela luz e

pelo mictório. Em igual espaço de tempo Amares receberá 50 contos para o aumento dos Paços do Concelho.

Queixam-se os centros rurais de Braga que só a cidade tem beneficiado. Não há Concelho do País em que a desproporção entre o gasto na sede e nos rurais seja tamanha como o que se verifica cá; no entanto, também não há no País exemplo em que uma sede do Concelho contribua em tão ínfima quantidade para os rendimentos do Município. O disparate é duplo: dá-se a quem não dá.

Gastaram-se 1.300 contos em 10 anos em Amares. Vejam quanto recebeu a parte restante do concelho e, todavia, a quase totalidade das freguesias paga mais impostos do que a beneficiada.

Apesar desta contribuição do Município para o progresso local tudo está na mesma porque a iniciativa particular não corresponde. Entretanto os menos beneficiados estão com a Câmara, dão ao seu Presidente a sua colaboração e a sua estima, sabem-no justo e esperam muito da sua administração. Sabem que ele não pode fazer milagres, mas eles não querem milagres. Querem um homem atencioso, que dê facilidades e que certamente há-de olhar por todo o Concelho, indiferente a quem não tem, nem a força pessoal nem a social.

O verdadeiro e grande mal está precisamente na fraqueza social e económica da terra. Os homens de projecção concelhia faltam ali, a sua indústria é uma casa de construção de mobílias, o seu comércio são cinco estabelecimentos, dos quais três tabernas.

Outrora o local das quatro estradas, que é o vasio que fica entre Feira Nova e Amares, não o queriam para construções. O bairro está ali porque nós deligenciamos para que fosse ali, caso contrário seria junto da Serração. A Casa do Povo era na parte superior, nós trabalhamos para que fosse no sítio em que está. O Grémio iria para uma casa velha, nós fizemos o possível para que ele vá ocupar os terrenos que agora vai comprar.

Agora só falam naquele vasio para lá meter tudo que a Feira Nova queria construir. É preciso desfazer esta ilusão de maneira peremptória e incontroversa. Aquele vasio está cheio. O Grémio preencherá a parte sul com a sede, armazém e celeiro. A adega, e mais dois ou três edifícios que para ali estão designados já não tem terreno que chegue.

Deixemos de referir um terreno que nós nos encarregamos de preencher e que, graças à tal preponderância que à Feira Nova assiste, vai conhecer o seu destino e não precisa de outro.

Uma terra que tem uns três «irmãos» na Misericórdia, dois ou três sócios nos Bombeiros, três ou quatro sócios no Futebol, em trinta e um votos do Grémio consegue três, que não mete bico na constituição da Câmara, que na entidade política não tem representação, que na assistência não conta, não pode ter a aspiração de dirigir o concelho, ou, mais modestamente, de o ajudar a dirigir.

Nada solucionam com queixas sem razão e só com o sentido de travar o progresso dos outros. É sintomático o que se passou com a estação dos C. T. T. dada à Feira Nova.

Temos o triplo do seu movimento. Só uma indústria de cá, dá aos correios mais movimento que o resto do Concelho. Para os não prejudicarmos não pedimos a transferência da estação existente. Pedimos uma que nos foi dada. Em vez de agradecerem, vieram berrar *aqui del rei* porque os queremos engolir. O movimento da nossa, mais tarde ou mais cedo originará a extinção da deles. Vivem a ver fantasmas em todo o lado.

Não podíamos ter bombas de gasolina por Amares ter bombas, não podíamos ter campo de Futebol porque Amares tinha campo de Futebol. Criamos o nosso morreu o deles. Que culpas temos no que aconteceu ou pode acontecer se estamos dentro das leis naturais da humanidade e das jurídicas?

Trabalhem para um futuro melhor, construindo, alargando as suas possibilidades, evitem que as últimas casas construídas na vossa sala de visitas o tenham sido por nós. E, se vêem que o não podem fazer, nós iremos aí, novamente, vinte anos volvidos, fazer alguma coisa.

Estas palavras custam-nos tanto que nunca este jornal as conheceu. É, contudo preciso escrevê-las para que alguns possam reflectir e deixem de ser injustos e de perturbar os espíritos que tão sossegados estavam.

A «Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos, desde os mais simples aos mais luxuosos.

Lede e assinaí
«Tribuna Livre»

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

Delegado: ANTONINO NOGUEIRA MARTINS

ANTONINO NOGUEIRA MARTINS

Para ser sujeito a uma intervenção cirúrgica, deu entrada no Hospital o nosso dedicado amigo e colaborador, Snr. Antonino Nogueira Martins, a quem «Tribuna Livre» já tanto deve pela sua canseirosa acção para que Terras de Bouro marque posição de justo relevo no nosso Semanário. Desejamos que a intervenção seja o mais feliz possível, se bem que, segundo informações colhidas, não se revista de gravidade o estado do nosso dedicado Delegado e digno Chefe da Secretaria da Câmara Municipal de Terras de Bouro.

Contudo, registamos a notícia com pesar e oxalá que não sejamos privados, durante muito tempo, da sua preciosa colaboração.

Voltaremos a dar notícias sobre a evolução da doença e entretanto fazemos votos, muito sinceros, pelo rápido restabelecimento deste ilustre homem de Terras de Bouro.

Tribuna Desportiva

CHEGOU O FUTEBOL

Depois das férias que lhe tinham sido atribuídas, regressou no passado Domingo, oficialmente, o futebol, que era aguardado por todos os desportistas com muito interesse, dada a falta que faz para aqueles que estão habituados a ir distrair-se aos campos de jogos. No domingo anterior, já vários jogos se tinham realizado embora de carácter particular e dedicados a festas de jogadores que há vários anos servem as cores dos seus clubes com apuro e dedicação. Este domingo que findou não foi assim. Jogou-se já oficialmente o campeonato nacional da 1.^a divisão embora também se tenha enquadrado uma festa de homenagem, à qual nos vamos agora referir, ao mais internacional de todos os portugueses, «José Travassos», tendo o público correspondido inteiramente, como o popular e categorizado jogador o merecia. Nesta festa foram jogadas duas partidas de futebol, estando frente a frente as equipas Cuf-Torreense e Sporting-Benfica. No primeiro jogo, o clube do Barreiro venceu por 4-3, mostrando-se já bastante aperfeiçoado na parte técnica, enquanto os Torreenses pareceram estar divididos em onze bocadinhos, talvez a falta de treinador tenha influído bastante na orientação e pouco aperfeiçoamento dos rapazes de Torres Vedras, que jogaram mais individualmente do que fazendo equipa. Seguiu-se o grande jogo da tarde, Sporting-Benfica, sempre aguardado pelo público com grande interesse, embora se tratasse de jogos que não decidam classificações. Os campeonatos nacionais venceram mercidamente por 2-0, mas a verdade

é que, tecnicamente, ambos os agrupamentos estiveram abaixos das suas possibilidades, mostrando várias deficiências, principalmente o Benfica, que nos pareceu um pouco mais atrasado do que o seu velho rival. Os leões, quando atacaram fizeram-no sempre com maior perigo, criando dificuldades em série à defesa encarnada que acabou por ser batida duas vezes, ao passo que os rapazes de Oto Glória atacavam com mais lentidão, fazendo sempre um terceiro passe que permitia a entrada triunfante da defesa leonina. Em suma: futebol de início da época. Para já não esperavamos melhor, pois quando se principia há sempre abaixamentos de forma ou mesmo até melhoramentos por parte dos jogadores, que não nos dão o ensejo de ver aquilo a que nos habituaram a ver as suas reais qualidades.

No próximo domingo já vai jogar a série da 1.^a divisão Nacional e, então, já todos os elementos se empregarão a fundo para não deixarem os seus créditos por mãos alheias e mesmo para defenderem com unhas e dentes um possível lugar neste campeonato, que não os obrigue mais tarde a abandonar a divisão de honra ou a ter de competir para se manterem nela. Este ano a coisa vai ser falada. Quatro equipas podem dar lugar aos novos. Com o novo regulamento em vigor, vai ser interessante a luta nos últimos lugares para evitar certas contrariedades. Aguardemos o próximo domingo para podermos seguir de perto a luta que vai começar.

M. Janela

VISITA PASTORAL

A TERRAS DE BOURO

O sr. D. Francisco Maria da Silva, Bispo de Telmissus e Auxiliar de Braga, que anda percorrendo a Arquidiocese em visita pastoral, iniciou a sua digressão apostólica pelo concelho de Terras de Bouro.

Eram 16 horas quando S. Ex.ª R.ª chegou aos limites do concelho, onde todo o clero do arceprelado e autoridades concelhias o aguardavam para a primeira apresentação de cumprimentos.

E dali organizou-se um cortejo, que partiu em direcção aos Paços do Concelho, onde se realizou solene sessão de boas-vindas. Estas são dadas pelo presidente do Município Evaristo Corais, que num discurso breve faz o elogio do ensigne visitante, apresentando-o ao bom povo do concelho, povo cujas tradicionais qualidades religiosas não se esquece de focar. O sr. Bispo de Telmissus, num improvisado belo, agradeceu as saudações recebidas e explicou o significado dum visita pastoral.

Foi na igreja de Moimenta — sede do concelho — que aquela teve o seu início, realizado-se brilhantes cerimónias religiosas. Seguiu-se, depois uma refeição oferecida ao sr. D. Francisco Maria da Silva, estando presentes muitos sacerdotes e as autoridades concelhias, e durante a qual foram trocados vários brindes. Então o ilustre prelado, usando da palavra, referiu a necessidade urgente e imperiosa da construção dum nova igreja na sede do concelho, necessidade que salientou, precisa de ser encarada imediatamente, embora acarrete muitos sacrifícios.

A sede do concelho deslocou-se, também, uma deputação de chefes de família de Gondoriz, para esclarecer ao Bispo de Telmissus da situação melindrosa em que se encontra aquela freguesia, tendo aquele prelado, por intermédio do Presidente da Câmara, acalmado os ânimos exultos daquele bom povo.

G. da Lovoura de Amares

(Continuação da 1.ª página)

as coisas não ficarão por aqui e outras coisas virão breve aumentar esta relação que já é bastante grande.

Esperemos, ansiosos, que os pedreiros comecem a sua faina nos terrenos referidos e expressamos a nossa satisfação e agradecimento ao Homem que em gesto de desinteresse tornou possível a aquisição de terrenos tão bem situados para o efeito.

MONOGRAFIA DE TERRAS DE BOURO

Temos tocado já, mas pela rama, o assunto da Monografia de Terras de Bouro.

Desta vez podemos apresentar factos concretos sobre a possibilidade de em breves dias se iniciar a publicação, nas nossas colunas, de tão importante trabalho, que dará a conhecer desenvolvidamente, a história de Terras de Bouro.

O incansável Autor, Snr. Domingos M. da Silva, que já vem trazendo a lume, em valioso e desenvolvido trabalho, a Monografia do Concelho de Amares, deu-se ao sacrifício de estudar também a parte referente a Terras de Bouro e tratar aqui, devidamente, este todo histórico que é a região de Entre-Homem e Cávado, cheia de laços éticos e étnicos que a fazem vibrar como se fosse alma, em um só corpo, arrancado às mesmas origens.

As duas Monografias darão depois um livro precioso, intitulado: ENTRE-HOMEM E CÁVADO (Monografias de Amares e da Terra de Bouro).

Talvez ainda este mês comecemos a inserir na Secção de Terras de Bouro a primeira parte desta Monografia, ou seja, a parte histórica propriamente dita, para depois se iniciar a segunda parte com o estudo de cada uma das freguesias do Concelho de Terras de Bouro, tal como se está a fazer na Monografia de Amares. Chamamos portanto desde já a atenção dos nossos leitores para o trabalho que lhe dará a conhecer melhor os seus pergaminhos históricos, na certeza de que, ninguém que se preze de ter, ou aspirar a ter um pouco de cultura, deverá desconhecer o que se relacione com o seu berço natal.

Pena é que o número de assinantes de Terras de Bouro não atinja ainda aquele número que se esperava ao criar-se a secção que lhe diz respeito, tendo sido muitas as devoluções do jornal, por pessoas que de algum modo tinham interesse em assiná-lo e assim ajudariam a frutificar este grande paladino dos interesses de toda esta bela região «interâmica» que envolve os concelhos gémeos de Amares e Terras de Bouro.

Esperamos que, com mais esta iniciativa, cheia de boa intenção de bem servir, se possam colher alguns frutos que encorajem a acção que vimos a desenvolver.

Espera-se, sobretudo, boa colaboração do Município e da Comissão de Turismo, dos Reverendíssimos Párcos e das Autoridades do Concelho.

São portanto, de Esperança, as nossas últimas palavras desta local.

Salvé 14-9-58

Amanhã domingo, completa os seus 64 anos de idade e 40 de casado, o Sr. Manuel Alves Leite, filho da freguesia de Portela, deste concelho, e residente em Belo Horizonte, Brasil.

Com muitos parabéns, pelos aniversários, suas irmãs, cunhados e sobrinhos, pedem a Deus para que a felicidade em que tem decorrido a sua vida o acompanhe sempre, na companhia da Ex.ª Esposa e filhos.



O Livro do Caçador

PREFÁCIO

Caçador, este é o teu livro, o livro com que procuramos aperfeiçoar-te na tua arte de caçar.

Será esta a primeira vez que houves chamar arte à caça, essa coisa que apaixonou mais de cem mil portugueses, e te faz correr quilómetros, às vezes quase sem forças, de barriga a dar horas e o fato rasgado pelo tojo ou pelas estevas, empurrado por essa ânsia de aplacar o vício terrível, que não perdoa, e que, quanto mais se pratica, mais vício se torna.

Dissemos que caçar é arte.

É arte «fechar» uma perdiz que nos passa, puxada pelo vento, a mais de quarenta metros, por cima da cabeça. É arte «enrolar» o coelho, que «picado» pelos cães, se vai enfiar no maroicho de pedras. É tu, se conseguires «pendurar» a perdiz ou o coelho que te saltou nessas condições, és um artista.

Um artista é um desportista.

Já não és, porém, nem um nem outra coisa, se fusilaste a perdiz, no chão, ou o coelho, na cama. Neste último caso não passas de um carnicheiro.

Ninguém desconhece que uma lebre (um «alguidar de carne como lhe chamam em certas regiões») faz, às vezes, muito jeito em casa, e que é bem mais seguro matá-la deitada, na altura em que ela, apesar de descoberta, ainda julga que ninguém está a vê-la, do que em plena carreira. Toda a gente sabe, também, que há muitos portadores de licença de caça nestas condições. Mas ninguém terá a coragem de negar que só é verdadeiramente caçador o que caça segundo as regras que fazem da caça um desporto, uma arte a que sempre se chamou nobre.

É haverá alguém que considere nobre matar à traição a perdiz, poisada, o coelho, parado, a lebre, na cama, quer seja por detrás dum muro, de cima da carroça, ao candeio, com o ramalho, em linhas de dez e quinze homens, ou de qualquer outra forma menos leal ou proibida por lei?

Não levarás, portanto, a mal, amigo, tu que gostas de matar a tua peça de caça, se te disser que este livro é escrito para os que só sabem caçar de cara descoberta, de peito franco, e vencer à custa do esforço físico, da inteligência e da destreza que põem na luta com um antagonista a quem deixam todas as possibilidades de se defender.

Não estranharás, também, se te lembrar que a caça que matas, vive do que nasce em terrenos que, normalmente, não são teus.

Não esqueças, portanto, que uma matilha de cães atrás de um coelho, dentro dum campo de milho ou duma vinha por vindimar, ou umas botas cardadas, pisando o feijão de um milheiro, podem dar cabo, em minutos, do que levou dias de canseiras e preocupações a criar. Além de que, nós, caçadores, nunca devemos esquecer que no nosso País é dos raros onde basta o pagamento de uma licença de poucos escudos para nos podermos apropriar da caça que nasce, vive e morre no que é dos outros. É tu sabes, caçador, que há muitos que não percebem porque é que, sendo deles a erva, o mato, a árvore, o milho, o centeio, o trigo ou a fruta que nascem no que lhes pertence, também não há-de ser deles a perdiz, o coelho ou a lebre, nascidos na sua terra e alimentados pelo seu milho, centeio, trigo, a sua erva ou a sua fruta.

Portanto, tens o dever de, no exercício do teu desporto querido, respeitar sempre o que é dos outros e como se de coisa tua se trate, mais que não seja por conveniência própria e dessa grande corporação de devotos de Santo Humberto, nosso patrono, que só tem a perder com os que, para fazer saltar a codorniz ou tirar o láparo das pedras, não hesitam em deitar o muro abaixo ou partir quantas canas de milho lhes embarquem o caminho.

Se és destes, o livro não é para ti. Não deixes, porém, de o ler, pois se, pelo que nele encontrares, te convenceres de que tens andado por atalhos errados, estás sempre a tempo de arripiar caminho.

Se assim fizeres, passarás a ser mais um dos nossos, e, então, volta ao princípio, relê o livresco, mas nessa altura, já com a satisfação de o poderes ler com a consciência de que, afinal, também foi escrito para ti.

(Continua)

C. N. E. A.

Dr. Fernando Adelino Faria Ferreira

MÉDICO

CLÍNICA GERAL

CALDELAS



Tribuna DE Vila Verde

Delegado: JOÃO VILELA

Deliberações da Câmara em sessão ordinária de 4-8-58

OFÍCIOS

Do sr. Director do Distrito Escolar de Braga, pedindo o material escolar necessário para funcionamento das escolas mista de freguesia de Atiães. Mandado fornecer.

— Do sr. Presidente da Junta de freguesia de Moure, comunicando que o sr. Manuel Ferreira Lopes mudou, sem autorização, um tranqueiro de uma concela.

— Do sr. Presidente da Junta de freguesia de Travassós, comunicando estarem concluídas as obras da Fonte de Varziela, autorizadas pela Câmara.

Da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Vila Verde, pedindo para que no ano que decorre, lhe seja concedido um subsídio, para ocorrer às suas mais urgentes necessidades de apetrechamento do seu pronto-socorro, já ao serviço da população do concelho, e da Moto-Bomba que esperam adquirir.

— Do Centro Assistência de S. Vicente de Paulo, de Vila Verde, pedindo que a Câmara inscreva no seu orçamento, no próximo ano de 1959, o subsídio de 4.000 escudos que costuma dar, para ocorrer às despesas com o Lactário de Nossa Senhora do Alívio, que é dirigido e administrado por aquele Centro Assistencial.

— Do sr. Arcipreste Cônego Domingos Peixoto da Costa, convidando a Câmara a tomar parte na Peregrinação de fé que se realiza no próximo dia 21 do corrente, ao Santuário de Nossa Senhora do Alívio.

A Câmara nomeou o sr. vereador Santos Morais, para a representar na referida Peregrinação.

Requerimento

Do sr. Armindo Pinto, Aféridor de pesos e medidas da Câmara Municipal, pedindo 30 dias de licença graciosa. Foi-lhe deferido o requerimento.

Foram concedidas licenças para obras

Aos sr.: Alvaro Vivas, da freguesia de S. Cristóvão, para abertura de uma entrada carral junto à Estrada Municipal e António de Oliveira, da freguesia de Cervão, para vedar uma parcela de terreno, junto à Estrada Municipal.

Circular

Do Governador Civil de Braga, enviado um gráfico de encargos das obras a efectuar em estradas, ao abrigo do Plano de Formento de 1959/1964, em S. Martinho de Escariz, Gomide, de Vila Verde às Neves, Pico de Regalados a Val-

dreu, Portela do Vade a Azias passando por Aboim da Nobrega e de Cervães ao limite do Concelho.

Pela G. N. R.

Está a ser desenvolvida uma grande fiscalização sobre a caça antecipada e falta de licença de canídeos, pela G. N. Republicana desta Vila, pelo que já foram levantados oito autos por transgressão.

Pelo registo civil

No regis civil deste concelho, houve o movimento seguinte no mês de Agosto de 1958:—

Nascimentos 86; Óbitos 32 e Casamentos 22.

Sociedade

Encontram-se de visita à sua família, os ilustres Vilaverdenses. Snr. Rodrigo Velhena da Cunha, muito digno chefe da Secção Central do Tribunal de Évora e Miguel Velhena da Cunha, muito competente funcionário Superior.

D.

«PANORAMA SOCIAL»

Evidentemente que nem todos podem medir-se pela mesma bitola. Há javens e maciébios ajanotados e sórdidos, cultos e boçais. Uns dispersam-se pelos lugares de cavaço, outros no aconchego da família, outros vivem alheios ao movimento e às popularidades da rua; outros dedicam-se a discutir e vociferar contra os « empecilhos tradicionais », como verdadeiros estouvados barulhentos, julgando endireitar aquilo que os poderes legais legislaram, no intuito de poderem filosoficamente e com exhibições de luxo oriental, transformar aquilo que leva séculos a construir.

Aprendemos na Sagrada Escritura, que os descendentes de Noé, concertaram entre si fazer uma nova cidade e construir uma torre que chegasse ao céu e tornassem célebres os seus nomes antes de se disporem pela terra. Mas Deus confundiu-lhes a linguagem em castigo por tão grande soberba, dispersou-os por toda a terra sem que houvessem edificado a cidade e a torre idealizada.

É realmente lamentável verificar-se tamanho retrocesso e falta de senso comum entre indivíduos, que a pesar de decorrido um século, julgam poder mudar as coisas por processos deselegantes, achincalhando tudo e todos como eles fossem portugueses e os outros Coreanos do Norte.

É verdade que a massa amorfa desses indivíduos, não é responsável por tais atitudes. Os verdadeiros responsáveis são aqueles que se julgam em terreno conquistado e se valem de situações alcançadas pela incúria dos que tinham o direito de repor as coisas no seu devido lugar a tempo, para que se não verificasse este estado de coisas, que só servem para vexar, como há dias aconteceu, aquando das últimas inspecções militares.

Contemos o caso.

Nas últimas inspecções realizadas em Vila Verde, os mancebos da freguesia de Prado Santa Maria, apresentaram-se com a sua « rusga »

como aliás fazem todos os anos, mas desta vez, apresentaram uma carroça puchada por uma alimária, com um potente altofalante, fazendo uma algazarra tal por onde passavam, que ensurdecia toda a gente, a ponto da autoridade administrativa ter sido obrigada a tomar providências, aconselhando calma e comedidade aos endiabrados rapazes. Mas estes não só não obedeceram como redobram os seus gritos e dixotes, o que o que custou a um deles ser multado em 75\$50, por alterar o socego público.

Até aqui, nada temos que obstar e nem a isto nos referiríamos, se não se tratasse de umas frases por nós ouvidas, frases que de há muito nos ferem os ouvidos e que em nada dignificam quem as profere, como esta: « Nós não somos de Vila Verde. Nós somos da Vila de Prado — o que queria dizer na sua linguagem: que eram de Prado e portanto, fariam a algazarra que muito bem entendessem — ».

Os rapazes tinham razão. Eles são da Vila de Prado e ninguém lhes nega o seu bairrismo. Mas dizerem que veem a Vila Verde, mas que não pertencem a Vila Verde, não concordamos.

Sabemos que os habitantes de Santa Maria de Prado, não querem ser Vilaverdenses pela razão de Prado ter sido autora concelho, hoje anexado a Vila Verde por Decreto de 24 de Outubro de 1855.

Mas, ó velhinhos! que culpa temos nós, com isso?... Não foi um decreto régio que vos anexou?... Foi.

Portanto... Dura lex set lex.

Claro que esta má vontade, parte dos de « cima » e não da massa amorfa que por força das circunstâncias se habituou a esta campanha surda e que até põem na sua correspondência: Fulano de tal, « Prado—Braga », quando deveriam escrever, « Prado—Vila Verde », muito embora para a correspondência chegar mais depressa, escrevessem— Braga—Prado—Vila Verde.

(Continua na 5.a página)